

MANEJO SUSTENTÁVEL DAS PASTAGENS NATURAIS: REGIÃO DA DEPRESSÃO CENTRAL DO RS

Coordenador: CARLOS NABINGER

Autor: FÁBIO RIBEIRO TENTARDINI

O bioma pampa já ocupou cerca de 60% da área de terras do estado do Rio Grande do Sul. Este, por sua vez, tem tido uma taxa de desaparecimento gradativa e preocupante, restando, nos dias atuais apenas metade da área registrada há menos de 40 anos. Dentre outros fatores, isto se deve principalmente a práticas insustentáveis de manejo da terra, guiadas, na maioria das vezes, pelo desconhecimento da real potencialidade que as pastagens naturais da região podem apresentar. Através da pesquisa têm se verificado que práticas de manejo, como o correto ajuste da carga animal e o diferimento de poteiros podem triplicar a produção anual de carne em sistemas de recria e terminação. Portanto, a valorização do recurso natural Bioma Pampa, no qual se inserem os campos da região da Depressão Central do Rio Grande do Sul, deve partir do próprio produtor rural, mas para isso é necessário que este esteja consciente das reais potencialidades deste recurso, tanto do ponto de vista econômico como do ponto de vista ambiental. Neste sentido, o papel multifuncional (produção animal, preservação ambiental e da paisagem) das pastagens naturais da região necessita ser melhor compreendido e aceito, o que só será possível através de ações que integrem o produtor, a pesquisa e a extensão. Identifica-se como um dos entraves importantes ao reconhecimento destes benefícios advindos da correta utilização do campo nativo, a falta de conhecimento de quais são as espécies nativas importantes e indicadoras da condição do campo e a pouca compreensão dos benefícios do correto ajuste da carga animal em função da disponibilidade de pasto. Observou-se através de trabalhos realizados na estação experimental (EEA/UFRGS), localizado na região da Depressão Central, que o manejo mais adequado aos campos nativo, economicamente mais rentável e de menor impacto ambiental, seria da oferta de pasto de 12%, (12 kg de matéria seca para cada 100 kg de peso animal por dia), disponibilizada ao longo do ano e diminuindo para 8% na primavera. Na primavera espécies entouceiradas como capim-caninha, cola-de-zorro, barba-de-bode, etc..., são induzidas a florescer. Em altas ofertas estas espécies começam a ser rejeitadas, fazendo com que formem touceiras altas com alta proporção de colmos. Constatou-se que se estes colmos fossem consumidos logo no início da alongação, a planta permaneceria com alta proporção de colmos vegetativos, logo, com uma estrutura com mais folhas que colmos. Esta

alteração refletiria com fortes conseqüências sobre o desempenho animal. Com a diminuição da oferta de pasto, através do aumento da carga animal, consegue-se "incentivar" o consumo destas espécies cespitosas antes do seu florescimento, além de manter uma maior disponibilidade para os períodos de outono-inverno. A produtividade média do Rio Grande do Sul, em sistemas de recria e terminação é cerca de 70 kg PV/ha/ano. Com a adoção desta técnica obtém-se produções da ordem de 240 a 260 kg PV/ha/ano. Estes resultados demonstram um enorme benefício econômico resultante desta estratégia, ressaltando que estes valores de produção são obtidos a custo zero, somente através do monitoramento da oferta de pasto. Além do mais, há benefícios ambientais decorrentes de uma maior diversidade florística e de melhoria nas condições físico-químicas do solo, contribuindo para a sustentabilidade do sistema aumento do seqüestro de carbono e melhor utilização da água disponível. Através de dias-de-campo em unidades demonstrativas e com a realização de palestras/cursos na EEA/UFRGS, espera-se sensibilizar e capacitar os produtores para a correta realização do ajuste da carga animal e s à identificação de espécies vegetais indicadoras de bom manejo, para planejar o uso de diferentes áreas ao longo das diferentes estações do ano e com as categorias de animais adequados.